

A TELEVISÃO E O ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA

UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Ms. SIDNEI RODRIGUES BATISTA

Professor da Faculdade de Educação Física da Uni Sant'Anna – campus de São Paulo

E-mail: sidnei_batista@uol.com.br

Dr. MAURO BETTI

Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da

Faculdade de Ciências da Unesp – campus de Bauru

E-mail: mbetti@fc.unesp.br

RESUMO

Abordamos a necessidade de a escola educar para a linguagem audiovisual, destacando uma perspectiva de educação física escolar que participe do processo de educação na e com a televisão, capacitando os alunos a assistirem de forma crítica as transmissões televisivas do esporte e demais práticas corporais. Apoiando-nos nos referenciais da pesquisa “qualitativa”, realizamos uma intervenção no contexto de um programa de educação física escolar de uma série do ensino fundamental, introduzindo o uso de produção televisiva (desenho animado) como estratégia de ensino. Concluímos que houve uma aprendizagem com significado, a partir de algo que as crianças gostam, e que a educação física escolar deve superar o chavão da aula “prática”.

PALAVRAS-CHAVE: Educação física escolar; televisão.

INTRODUÇÃO

O presente estudo¹ aborda a relação entre a televisão (TV) e a educação física escolar, especialmente a inclusão da TV como estratégia pedagógica nas aulas de educação física escolar. Sendo a mais poderosa entre todas as mídias existentes na sociedade contemporânea, a TV está presente em nosso cotidiano, transmitindo programas cujos temas serão assunto de conversas e controvérsias, apresentando novidades nos mais variados campos de atuação humana, estabelecendo parâmetros para compreendermos o mundo e contribuindo decisivamente no processo de globalização que vem transformando o planeta desde a segunda metade do século XX.

Com tamanha relevância em nossa sociedade, a temática que envolve a TV e a educação tornou-se alvo de pesquisa, em vários países e no Brasil. No entanto, apesar de estudos realizados e de propostas decorrentes, a instituição escolar em termos gerais parece resistir à televisão. Considerando que a TV está tão enraizada na vida das pessoas, e especialmente dos alunos, quando nos referimos ao universo escolar, acreditamos que a escola deveria preocupar-se também com a TV e sua importância na vida dos estudantes. Em tal contexto, e pensando na educação física escolar brasileira, podemos dizer que o interesse é recente e há um imenso campo a ser explorado.

Nosso estudo inicia-se com essa inquietação sobre a TV e a escola, e de modo específico com a educação física escolar. Afinal, sabemos que as práticas corporais, e especialmente o esporte, são uma constante nos programas televisivos através da cobertura de eventos, nos noticiários ou servindo de tema para propagandas, desenhos animados, cenas de novelas e filmes.

Toda essa informação audiovisual contribui para os estudantes formarem conceitos e valores a respeito do esporte e das demais práticas corporais, interferindo decisivamente na maneira como as vivenciam. Essa influência precisa ser mais bem conhecida; afinal, quando constatamos que a TV influencia a formação do cidadão, torna-se tarefa da comunidade educativa estar preparada para compreender o processo em curso e nele interferir.

TELEVISÃO E EDUCAÇÃO

Há considerável discussão quanto às possíveis contribuições da TV para a educação. Eco (1970) já questionava certos aspectos polêmicos quando publicou

1. Artigo elaborado a partir da dissertação de mestrado intitulada *A televisão e o ensino da educação física na escola*. uma proposta de intervenção, aprovada no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Motricidade, do Instituto de Biociências da Unesp – campus de Rio Claro.

Apocalípticos e Integrados, sua obra clássica que há muito é referencial para o tema. Eco denunciava a existência de dois grupos com visões radicalmente opostas, cada qual atacando ou defendendo a TV e suas possibilidades na sociedade. O próprio título do livro deixava claro o antagonismo: de um lado aqueles que compreendiam a TV como propagadora de uma cultura conservadora e alienante, com poder para dirigir e cercear as pessoas e suas consciências e dominar as massas; de outro lado os que a entendiam como uma opção de ampliação do mundo do espectador, não sendo o meio um problema em si, mas a utilização equivocada que dele se faz.

Para Babin e Kouloumdjian (1989), a incorporação da TV na vida cotidiana provoca diferentes comportamentos intelectuais e afetivos, ou um novo modo de ser e pensar. Segundo os autores, como estamos presenciando o surgimento de uma nova cultura, estamos também presenciando uma fase de transição da cultura do livro para a cultura audiovisual. Utilizam-se de metáforas para explicarem a situação: inicialmente falam de “mixagem”, isto é, da invasão do texto do livro pela imagem e, em seguida, falam de “estéreo”, em que ocorreria a união de dois canais diferentes que devem existir juntos “cada um com sua sonoridade própria e predominando um de cada vez” (p. 13). A cultura audiovisual manifesta-se por uma forma de linguagem específica, que podemos chamar de linguagem audiovisual.

A necessidade de educar a população para a linguagem audiovisual indica que a escola precisa ensinar a assistir a TV, conforme as idéias de Ferrés (1996). Ele acredita que devemos buscar “o equilíbrio entre o otimismo ingênuo e o catastrofismo estéril” (p. 12), referindo-se aos apocalípticos e integrados de Eco. A TV, como qualquer outro meio de comunicação, provoca mudanças culturais que geram alteração na capacidade de perceber a realidade. Ferrés afirma que a TV dirige-se a esquemas mentais, capacidades cognitivas, estruturas perceptivas e sensibilidades já presentes nas pessoas, fato que facilita seu sucesso. Tais características são diferentes daquelas que são destacadas na leitura do texto escrito. Os riscos da exposição à TV existem, mas também estão presentes quando nos expomos ao texto escrito. Há, entretanto, um aspecto que é lembrado por Ferrés e merece ser considerado: a exposição à leitura escrita só é possível para aqueles que sabem ler, enquanto a exposição à linguagem audiovisual utilizada pela TV atinge a todos, independentemente do domínio desta linguagem.

Ferrés (1996) sugere a educação no meio e com o meio. A educação na TV significa transformá-la em matéria de estudo, ensinando os mecanismos da linguagem audiovisual e oferecendo orientação e recursos para sua análise crítica; a educação com a TV sugere a sua incorporação à sala de aula para otimizar o processo ensino-aprendizagem.

Tal opção, além de permitir uma educação mais dinâmica e menos monótona, aproveitando-se dos recursos de imagem e som do meio, prepararia o jovem para tomar distância em relação aos próprios sentimentos, evitando cair em armadilhas e atingindo um nível de análise crítica que permitisse estabelecer relações coerentes entre aquilo que é mostrado na TV e a realidade vivida fora dela. Facilitaria, também, trabalhos multidisciplinares, nos quais cada disciplina curricular contribuiria focalizando os elementos do meio televisivo que estão mais próximos de seu campo de atuação.

Ao falar dos novos desafios que os meios de comunicação de massa, especialmente a TV, trazem à escola, Orozco-Gómez (1997) relembra-nos que a TV já invadiu os espaços educacionais, tornando-se uma “escola paralela” que desafia os educadores². Segundo o autor, a TV lida com elementos mais relevantes para as crianças do que a escola, e apesar de todo o “lixo” que veicula, também oferece programas estimulantes para a imaginação, a aprendizagem e a vida. Isso deve motivar nos educadores a superação de posturas contraditórias em relação à TV – refletida no fato de que a aceitam em sua vida cotidiana mas resistem quanto a incorporá-la à sala de aula – assumindo uma posição de mediação entre a TV, a escola e os processos de recepção de mensagens nos quais os alunos estão envolvidos.

Destacando a importância da mediação docente na relação entre as crianças telespectadoras e a TV, Batista (1998) alerta para o poder da TV de trazer aos espectadores (crianças ou adultos) uma visão de homem e sociedade repleta de valores, crenças, idéias e hábitos. Sendo um meio de comunicação dos fatos ocorridos no mundo, a TV leva às pessoas a sua visão dos fatos. Para Batista, apesar dos estudos que negam a passividade total do receptor diante das mensagens e afirmam que tanto produtores (emissores) quanto receptores possuem parcela de controle sobre os significados das mensagens e suas possíveis influências na sociedade, existe a necessidade da participação docente no processo de interpretação dos estudantes.

Julgamos essencial para o desenvolvimento de projetos de educação para a linguagem audiovisual que a escola, antes de qualquer outra coisa, reconheça a presença da TV dentro dos muros escolares. Uma nova postura perante a TV, conforme apelo de Orozco-Gómez (1997), parece uma providência urgente. A educação física escolar certamente está incluída neste cenário geral.

2. Segundo Orozco-Gómez, pesquisas recentemente realizadas no México revelam que as crianças urbanas passam, em média, 4 horas diárias vendo TV; e já há provas indicando mais eficácia de aprendizagem a partir da TV do que dos professores.

A PERSPECTIVA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

A utilização da TV nas aulas de educação física escolar em uma proposta de educação nas mídias e com as mídias, faz sentido, conforme Betti (2001), se pensarmos em uma educação física capaz de articular pedagogicamente a vivência corporal, o conhecimento e a reflexão acerca da cultura corporal de movimento, estabelecendo relacionamento crítico com as mídias.

A educação física da qual falamos, ao lidar com os conteúdos da cultura corporal de movimento, precisa associar o conhecimento e a reflexão à vivência corporal, posto que ambos, o compreender e o refletir, referem-se à corporeidade. Caso separássemos o discurso da prática, tornando as aulas de educação física semelhantes às aulas tradicionais dos demais componentes curriculares, marcadas pelo falar (pelo discurso verbal) sobre o conhecimento, apenas estaríamos enterando a riqueza específica da educação física.

Portanto, o conhecimento trabalhado nas aulas de educação física precisa ir além da execução de movimentos. Questões relacionadas à cultura corporal de movimento, como a história das práticas corporais, construção e discussão de regras, resgate da cultura lúdica, atitudes de participação e cooperação, discussão de valores, respeito às diferenças de qualquer tipo, debate de temas associados às práticas corporais como *doping*, estética e beleza, violência, moda, propaganda e patrocínio esportivo, alimentação, estereótipos e muitos outros, devem constar dos programas de educação física.

No entanto, uma dúvida poderia surgir diante dos docentes: como abordar assuntos conceituais em uma aula na qual o ato de movimentar-se costuma ser a tônica? Tal pergunta, ainda que pareça simples, carrega consigo considerável dose de incerteza. A TV pode ajudar nesta tarefa, tornando-a mais dinâmica, atraente e próxima da realidade dos alunos.

A utilização da TV, através da gravação de programas em vídeo, possibilitaria várias vantagens para o ensino da educação física escolar, na opinião de Betti (2001): a) tornaria o debate e a reflexão mais motivantes posto que trata de temas atuais e polêmicos com os quais os estudantes já tomaram algum contato; b) apresentaria uma linguagem mais sintética, conjugada com imagens e recursos gráficos, o que é atraente para os alunos; c) daria destaque para temáticas que muitas vezes não geram interesse se abordadas pelo professor; d) resumiria os conteúdos, podendo substituir de forma vantajosa as aulas expositivas e os textos escritos; e) atinge-nos inicialmente pela emoção, comovendo os alunos e abrindo espaço para a atuação do professor como mediador em busca de leituras mais racionais e críticas.

Evidentemente, há considerável dificuldade para localizar ou obter vídeos adequados para um programa de educação física escolar com a perspectiva adota-

da pelo presente trabalho. Betti (2001) não desconsidera tal dificuldade, lembrando-nos que programas televisivos com as características que procuramos, que propiciem interligar a vivência com o conhecimento e a reflexão, são mais comuns na TV por assinatura do que nos canais da TV aberta. Mas tece um provocante comentário: encontrar um bom texto para trabalhar em sala de aula também não costuma ser fácil. Devemos, em sua opinião, começar a pensar na imagem como fonte de conhecimento e, assim, sugere que nossas escolas e universidades deveriam possuir videotecas, além das bibliotecas.

METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa realizada é de natureza “qualitativa”, apresentando características de pesquisa de tipo etnográfico e de pesquisa-ação. A abordagem etnográfica de pesquisa em educação busca, segundo André (1995), compreender o universo cultural da sala de aula, e caracteriza-se pelo contato direto do pesquisador com a realidade pesquisada. Objetiva descrever e compreender uma situação, revelando seus significados e deixando para o leitor a decisão sobre a possibilidade de generalização daqueles dados para outras realidades.

A pesquisa-ação é considerada por Thiollent (1988) como um método de investigação que lida com grupos ou coletividades de pequeno e médio porte, no qual as pessoas envolvidas tenham algo a “dizer” e o pesquisador pretenda ter papel ativo na realidade em questão. A pesquisa-ação, segundo Thiollent, pode ser definida como uma pesquisa social cuja concepção e realização se relacionam com uma ação ou resolução de um problema coletivo e na qual tanto o pesquisador quanto os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de forma cooperativa ou participativa.

A pesquisa-ação, segundo André (1995), envolve um plano de ação que está baseado em objetivos, em um processo de acompanhamento da ação planejada e no relato do processo. Este tipo de pesquisa pode receber o nome de intervenção.

Realizamos uma intervenção no contexto de um programa de educação física escolar de uma 2ª série do ensino fundamental, com 31 alunos, em um colégio particular de um bairro de classe média, na cidade de São Paulo. Na ocasião, o pesquisador era também o professor de educação física desta classe.

Introduzimos o uso de produção televisiva como estratégia de ensino, apoiando-nos na metodologia compreensiva de Ferrés (1996), a qual visa a analisar produções televisivas de maneira global. Abordagens racionais são conseguidas em um processo de análise que respeita e considera as sensações e emoções: trata-se de aprender jamais negando o prazer. A reflexão crítica é alcançada ao final do

processo, o qual tem seu início na consideração do impacto emocional causado por uma dada matéria televisiva.

Ferrés (1996) propõe que o processo comece pela expressão espontânea das reações geradas pelas imagens. O professor questiona a turma com frases do tipo “Qual a sensação que vocês tiveram?” ou “O que vocês acharam?”. Em uma segunda etapa, começa a tomada de distância em relação às próprias emoções, com o professor introduzindo perguntas de caráter mais racional. Ferrés denomina a primeira fase de comunicação espontânea e a segunda de distanciamento progressivo (ou do confronto ou diálogo). Finalmente, temos a conclusão do processo com a análise e reflexão.

Segundo Ferrés (1996), tal método é útil para a escola porque torna o processo ensino-aprendizagem mais motivante e porque permite que o aluno aprenda a transformar suas emoções e seu prazer em reflexão. Portanto, a utilização adequada do audiovisual, em sua opinião, ocorre quando partimos das emoções geradas pela TV e, ao final do processo de análise, alcançamos o racional e o reflexivo. Em suas palavras, “o método compreensivo pretende chegar à reflexão por meio da emoção” (p. 99).

A pesquisa envolveu três momentos junto aos alunos:

1ª) Exibição, na aula de educação física, de um vídeo previamente gravado da TV com um desenho animado denominado “Rocket Power”.

A escolha deste gênero televisivo apoiou-se tanto em pesquisas anteriores (Rezende e Fusari, 1985; Emerique, 1989; Batista, 1998) que apontavam os desenhos animados como os preferidos por crianças paulistas, quanto por nossa experiência profissional com as crianças. Já a escolha deste episódio, especificamente, justificou-se, pois ele correspondia a aspectos que definíramos anteriormente: a) o desenho precisaria tratar de questões relacionadas às práticas da cultura corporal de movimento, posto que trabalhamos com a educação física escolar; b) deveria dar oportunidade à discussão de valores e atitudes porque o planejamento incluía objetivos vinculados a este aspecto da formação; c) não podia ser longo, pois pesquisa anterior (Betti, 2001) indicava que vídeos curtos eram mais adequados ao trabalho na sala de aula.

No episódio escolhido – há uma disputa de carrinhos de rolimã – denominado no desenho de “*skate* deitado” – entre dois amigos, e um deles vence valendo-se de um recurso ilícito, tomando um atalho para encurtar o percurso. O enredo desenvolve-se a partir deste fato e da inquietação do ganhador: esconder a verdade e continuar sendo considerado o vencedor da prova, ou assumir a fraude e reconhecer seu erro.

- 2ª) Compreensão/interpretação do material audiovisual exibido, com base na metodologia proposta por Ferrés (1996), mediante estratégias selecionadas: debate, redação e dramatização.
- 3ª) Avaliação das aulas pelos alunos, a partir de questionário e de entrevistas. O questionário foi respondido por todos os alunos e contemplava os seguintes tópicos: interesse despertado pelo vídeo, contribuição percebida, compreensão do conteúdo, relações percebidas com suas próprias práticas corporais e interesse em assistir outros vídeos em aula de educação física. As entrevistas seguiam um roteiro de questões semelhante ao do questionário, eram individuais, foram realizadas com cerca de 15% dos alunos da classe e gravadas em fitas cassete, possibilitando a obtenção de dados a partir de uma segunda fonte. O questionário e as entrevistas foram realizados nas semanas seguintes à aplicação da metodologia compreensiva.

RESULTADOS

A aula em que assistimos o desenho ocorreu em classe para que a qualidade do som (da TV e da filmadora usada para gravarmos a aula) não ficasse comprometida pela acústica inadequada da quadra da escola. As crianças, ainda que surpresas no início diante do fato de estarem participando de aula de educação física em classe, demonstraram euforia quando souberam que veríamos um desenho do Rocket Power, e o assistiram concentradas. O receio que tínhamos acerca da possibilidade do desenho não interessar aos alunos, especialmente àqueles que, porventura, já o tivessem visto em casa, mostrou-se desnecessário e a reação dos alunos foi um sinal claro do quanto as estratégias inovadoras podem ser motivantes.

Após termos assistido ao vídeo, iniciamos uma conversa com os alunos na qual as perguntas eram formuladas e os alunos seguiam respondendo e tecendo comentários. As primeiras indagações foram de caráter mais emocional, como sugerido por Ferrés (1996): “alguém gostou do desenho?”, “do que vocês mais gostaram?”, “do que menos gostaram?”.

Enquanto o debate prosseguia, as crianças animaram-se, e várias falavam simultaneamente, na maioria concordando ou complementando a opinião dos colegas. Precisamos solicitar que não falassem ao mesmo tempo para que pudéssemos nos entender e o exercício de convivência, via comunicação/debate, tornou-se ainda mais desafiador para os alunos e para o professor/pesquisador. Avançamos na metodologia e passamos a falar sobre os personagens, o local onde a ação ocorreu e sobre o assunto da história. Utilizamos a lousa para anotar as respostas dos alunos porque acreditávamos que esta estratégia os ajudaria na elaboração da redação.

Encerrando nosso debate, solicitamos que alguns alunos contassem a história com suas próprias palavras, e voluntários logo surgiram. Uma criança recontava um trecho do desenho e outra continuava. Ao final, outros alunos ainda acrescentaram detalhes que os colegas não haviam citado. O desenho parecia ter sido entendido pelas crianças. Ao final da aula, pedimos que escrevessem a redação contando o desenho visto. Apesar da expressão de certa insatisfação, e de um tempo relativamente curto para a tarefa, as crianças concentraram-se na redação. Permanecemos atentos, caminhando pela sala e atendendo a suas dúvidas.

Uma dúvida referia-se ao nome do esporte praticado no desenho. Relembramos que no desenho chamava-se *skate* deitado, mas perguntamos à turma como era seu nome no Brasil. Apenas algumas crianças sabiam: trata-se de carrinhos de rolemã. Inevitavelmente pensamos no quanto a cultura lúdica de nossa sociedade está se transformando, especialmente nos grandes centros urbanos. O quase desaparecimento de brincadeiras tradicionalmente realizadas na rua, como o carrinho de rolemã, é uma mostra do processo em andamento. É certo que muitos motivos contribuem para esta realidade, como a violência e a falta de planejamento para espaços públicos de lazer.

A posterior análise das redações indicou, com base naquilo que os alunos abordaram em seu texto, quais aspectos do desenho foram importantes para as crianças: houve uma corrida de *skate* deitado, um dos corredores comete uma trapaça para vencer, e arrepende-se depois de algum tempo.

Na aula seguinte, continuamos a aplicação da metodologia compreensiva, retomando o debate tratando dos recursos sonoros e visuais do desenho assistido, e os alunos identificaram detalhes como o ruído das rodas dos *skates*, dos tombos dos personagens, o tipo de música e a duração das cenas.

Então solicitamos uma dramatização (“teatrinho”) sobre o desenho, em grupos de quatro ou cinco alunos, no qual cada grupo poderia escolher uma cena que mais tivesse gostado ou julgado importante. Os momentos seguintes foram de muita agitação, com as crianças negociando dentro de seus respectivos grupos qual cena seria mostrada e quais alunos seriam os personagens.

Algum tempo depois começamos as dramatizações, nas quais todas as crianças tomaram parte, ainda que algumas delas tenham acusado certa timidez. Outras, no entanto, estavam surpreendentemente à vontade, expressando-se perante os colegas com grande naturalidade. Durante as dramatizações, muitas risadas e brincadeiras dos que assistiam com os que apresentavam. Após cada grupo ter se apresentado, batíamos palmas e conversávamos para verificar se a cena tinha sido compreendida pelos colegas. Também perguntávamos quem eram os personagens envolvidos. As respostas e os comentários dos alunos indicaram grande compreen-

são a respeito do desenho, sendo a corrida inicial (na qual ocorre a trapaça) a cena mais apresentada pelos grupos, valorizando a situação que gera todo o conflito presente no episódio.

A análise das respostas das crianças nos questionários e entrevistas, e das aulas gravadas com câmera de vídeo, nos permitiu tecer as seguintes considerações:

- Os alunos gostaram do vídeo assistido, afirmação pautada por suas reações desde a exibição do desenho, em que ficaram concentrados e com expressões faciais interessadas, e após a exibição, quando confirmaram seu gosto pelo vídeo nas respostas durante o debate, no questionário (em que 28 das 31 crianças afirmaram ter gostado) e nas entrevistas (em que todas alegaram ter gostado). O principal motivo explicitado quanto a terem gostado do desenho foi o fato de *terem aprendido alguma coisa*, resposta presente tanto nos questionários quanto nas entrevistas;
- Os alunos aprenderam algo com o vídeo assistido, seja que a trapaça não é uma conduta aceitável e que o arrependimento pode ser amargo, seja a respeito da possibilidade de a educação física ser desenvolvida fora da quadra/pátio (um passo inicial em um novo processo de ensino e aprendizagem na educação física), ou ainda quanto à existência de carrinhos de rolemã.
- Os alunos compreenderam o vídeo assistido porque durante toda a pesquisa suas respostas demonstraram entendimento do argumento, da participação dos personagens com suas atitudes e das situações. Desde o início do debate foram demonstrando que tinham percebido sobre o que o desenho se referia (seu argumento), destacando inúmeras vezes a trapaça e o arrependimento. Nas redações ocorreu o mesmo, e destacaram a corrida (citada por 28 das 31 crianças), a trapaça (tratada por 27 crianças) e o arrependimento (citado por 20 crianças). Nos questionários, 26 alunos citaram a trapaça e o arrependimento como argumentos do desenho.
- Embora muitos alunos não tenham identificado semelhanças entre os fatos ocorridos no vídeo com os fatos das aulas de educação física (e/ou das suas atividades corporais), aqueles alunos que constataram semelhanças mostraram uma considerável capacidade de leitura da realidade, citando aspectos como a possibilidade de alguém desejar demais uma vitória e trapacear para alcançá-la. Talvez o fato de os alunos terem identificado a trapaça e o arrependimento como os argumentos do desenho pode ter dificultado a tarefa de encontrar semelhanças com as situações vividas nas

aulas de educação física e/ou em suas demais atividades corporais na medida em que aquelas ocorrências (trapaça e arrependimento) não devem ser a tônica das citadas aulas.

- Julgamos que as crianças gostariam de assistir mais vídeos nas aulas de educação física. Nossa avaliação encontra respaldo nas reações dos alunos, desde o momento em que exibimos o vídeo, em seu interesse na participação no debate e nas suas respostas nos questionários (cinco respostas positivas) e nas entrevistas (somente respostas positivas). Ainda que muitos alunos (26 das 31 crianças) tenham respondido, em seus questionários, que não gostariam de ver vídeos nas aulas, estes mesmos alunos demonstraram, durante toda a pesquisa, uma atitude que contraria seu discurso. Além disso, acreditamos que tais alunos associaram o assistir com a tarefa solicitada na seqüência, isto é, a redação (claramente verificada em algumas respostas dos questionários e entrevistas). Como a compreensão vigente quanto à educação física ainda a relaciona com aulas “práticas”, o tempo permanecido na sala, acrescido pela solicitação de elaboração da redação, minimizou o gosto pela experiência. Em uma entrevista, uma menina confirmou nossa leitura do ocorrido, alegando inicialmente que não gostaria de assistir a vídeos *“porque tem que escrever e nas aulas (na classe) a gente já escreve”*. Mas quando reformulei a pergunta, afirmando que apenas veríamos o vídeo sem precisar escrever, a resposta passou a ser positiva, com a criança mudando até mesmo a expressão facial, surgindo um sorriso no lugar de uma expressão labial cerrada.

CONCLUSÃO

Quando nos referimos à necessidade de a educação física associar vivências corporais com o conhecimento e a reflexão, não estamos propondo uma oposição entre “aulas práticas” e “aulas teóricas”. Essa é uma conclusão – equivocada – que logo vem à mente de muitos, já que a educação física lida com uma contradição ou paradoxo: seu meio ou conteúdo é a *linguagem corporal*, mas a teorização e a reflexão características da cultura escolar se faz mediante a *linguagem verbal* (quer dizer, a língua).

Bracht (1999) resumiu bem o novo foco de toda proposição de educação física escolar que derive de uma abordagem crítica: tomar a cultura corporal de movimento como objeto da educação física implica avançar do *fazer corporal* para um *saber sobre* o movimentar-se do ser humano, o qual deve ser incorporado pela educação física (na escola) como um saber a ser transmitido (aos alunos).

Contudo, é preciso não perder de vista o alerta de Betti (1994): a educação física escolar não pode transformar-se em um discurso *sobre* a cultura corporal de movimento, mas em uma ação pedagógica *com* ela.

Articular o fazer corporal com o saber *sobre* esse fazer exige buscar estratégias de ensino inovadoras e criativas, mas também exequíveis e compatíveis com o contexto escolar concreto das escolas brasileiras e seus alunos. Tais estratégias têm que ser buscadas em conjunto pelos docentes-pesquisadores universitários e os professores da educação fundamental, o que leva a privilegiar *pesquisas de caráter etnográfico* (para compreender como os professores e alunos pensam e agem no contexto da prática pedagógica) e *pesquisa-ação*, em que pesquisadores e professores atuem colaborativamente em um processo de intervenção planejada.

Em nosso estudo, concluímos que os alunos gostaram do trabalho com vídeo desenvolvido porque *aprenderam alguma coisa*; mais ainda, houve uma aprendizagem com significado, a partir de algo que as crianças gostam (desenho animado), e portanto, entendemos que prazer e aprendizagem não são instâncias paralelas, como retas que podem até estar próximas, mas jamais se tocam. Encontrar os pontos de contato da aprendizagem e do gostar, do sentir prazer, é um desafio constante do trabalho docente.

Acreditamos que é hora de a educação física escolar dar um passo de maior qualidade em sua prática pedagógica, oferecendo aos alunos oportunidades de contato com outras linguagens e outras formas de cultura, associando-as com as “velhas” e “novas” práticas da cultura corporal de movimento e trabalhando o conhecimento acerca daquela forma de cultura também pelo compreender, sentir e relacionar-se. É preciso, enfim, superar o velho chavão da aula “prática”.

Television and physical education in school: a proposal of intervention

ABSTRACT: This approach refers to the need of school to educate for the audiovisual language, emphasizing a perspective of school physical education that participate of the educational process in and with television, allowing students to watch television transmissions of sports in a critical way. Supported by qualitative research perspective, we developed an intervention in a physical education setting in a class of elementary school, introducing the use of cartoons as an educational strategy. We concluded that there was a meaningful learning process that began with something that children like, and that physical education in school should overcome the common cliché of providing only practice classes.

KEY-WORDS: physical education in school; television

(continua)

La televisión y la enseñanza de educación física en la escuela:
una propuesta de intervención

RESUMEN: Abordamos la necesidad de que la escuela eduque para el lenguaje audiovisual, destacando una perspectiva de la educación física escolar que participe en el proceso educacional en la y con la televisión, capacitando a los alumnos a ver de forma crítica las transmisiones televisivas de los deportes y demás prácticas corporales. Apoyándonos en los referenciales de la investigación "cualitativa", realizamos una intervención en el contexto de un programa de educación física escolar de un año de la enseñanza fundamental, introduciendo el uso de la producción televisiva (el dibujo animado) como estrategia de enseñanza. Concluimos que hubo un aprendizaje con significado, a partir de algo que a los niños les gusta, como también que la educación física escolar debe superar el lugar común de la clase "práctica".

PALABRAS CLAVES: Educación física escolar; televisión.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, M. E. D. A. de. *Etnografía da prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995 (Série Prática Pedagógica).

BABIN, P.; KOULOUMDJIAN, M. *Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

BATISTA, S. R. *Televisão e formação inicial de professores: a importância da mediação docente*. 1998. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

BRACHT, V. *Educação física & ciência: cenas de um casamento (in)feliz*. Ijuí: Editora Unijuí, 1999.

BETTI, M. O que a semiótica inspira ao ensino da educação física. *Discorpo*, n. 3, p. 25-45, 1994.

_____. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. Campinas: Papyrus, 1998.

_____. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? *Motriz*, v. 7, n. 2, p. 125-129, jul.-dez. 2001.

_____. Educação Física e sociologia: novas e velhas questões no contexto brasileiro. In: CARVALHO, Y. M. de; RÚBIO, K. (Org.). *Educação física e ciências humanas*. São Paulo: Hucitec, p. 155-169, 2001.

ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1970.

EMERIQUE, P. S. *Assistir, imitar, brincar*: um estudo sobre a influência da televisão no comportamento de crianças pré-escolares. 1989. 190 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.

FERRÉS, J. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OROZCO-GÓMEZ, G. Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. *Comunicação & Educação*, n. 10, p. 57-68, set.-dez. 1997.

REZENDE E FUSARI, M. F. de. *O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão*. São Paulo: Loyola, 1985 (Coleção Educar 3).

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

Recebido: 23 jun. 2004

Aprovado: 28 jun. 2004

Endereço para correspondência

Sidnei Rodrigues Batista

Rua Paranapanema, 111 ap. 21

São Paulo-SP

CEP 04144-100